

FICHA TÉCNICA

Título original: *Fuse*

Autora: *Julianna Baggott*

Copyright © Julianna Baggott, 2013

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Fátima Andrade*

Design da capa: *Anne Twomey e Elizabeth Connor*

Fotografias da capa © Kevin Twomey

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, junho, 2015

Depósito legal n.º 393 703/15

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

ÍNDICE

PRÓLOGO – Wilda	13
PARTE I	15
Pressia – Traças	19
Partridge – Besouro	26
El Capitan – Novo	34
Pressia – Sete	40
Lyda – Banheiras de Metal	51
Partridge – Frio	56
El Capitan – Pira	65
Pressia – Cadete	72
Lyda – Carruagem de Metro	77
Pressia – Boneco de Neve	80
El Capitan – Aranhas	90
Pressia – Caramanchão	94
El Capitan – Rapazes da Cave	102
Partridge – Dois a Dois	106
Lyda – Globo de Neve	115
Partridge – Lança	120
Pressia – Chaminé	125
Lyda – Latão	129
El Capitan – Canta, Canta, <i>Canta</i>	133
Pressia – Rio	137
Partridge – Para Baixo	142
Pressia – As Meninas Fantasma	145
El Capitan – Javali	154
Lyda – Gaiola de Arame	160

Partridge – Traidor	161
El Capitan – Andorinhas	165
Pressia – Gelo	167
PARTE II	169
Partridge – Limpo	171
Pressia – Musgo	175
Lyda – Nove	182
Pressia – Pedras	186
Partridge – Quente	193
El Capitan – Pontos	199
Partridge – Alma	203
El Capitan – Livre	210
Pressia – Cygnus	212
Partridge – Piano	220
Pressia – Estrelas	226
Partridge – Flocos de Neve de Papel	233
Partridge – Em Baixo	237
Pressia – Sonho	243
Partridge – Bela Barbárie	249
Pressia – Chávena de Chá	255
Partridge – Árvore de Natal	263
Lyda – Veado-Anão	269
El Capitan – Olhos	274
Pressia – Crazy John-Johns	283
Partridge – Humanidade	290
Pressia – Fita Adesiva	300
Pressia – Pirilampos	305
Partridge – Bolo	308
Lyda – Moledos	317
Partridge – Sete Verdades Simples	321
Pressia – Solstício	328
Lyda – Votos	337
Partridge – Fibras	342
Pressia – Dirigível	347
El Capitan – Nuvens	355
PARTE III	363
Partridge – Iralene	365
Lyda – Saber	371
Pressia – Aceso	374
Partridge – Baleias	376

Lyda – Fraqueza	384
El Capitan – Turvo.....	388
Pressia – Golpe na Cabeça	393
Partridge – Nebraska	399
Pressia – Criação de Animais	407
El Capitan – Irmãos	411
Lyda – Chilreios e Grunhidos	417
Partridge – Avariado	422
Pressia – Luz	430
Partridge – Lyda Mertz	437
El Capitan – Trepadeiras	440
Lyda – Fato-Macaco	445
Pressia – Promete-me	447
Partridge – Beijo	453
Lyda – Tremor	464
Pressia – Asas	465
Agradecimentos	467
Sobre a Autora	469

PRÓLOGO

WILDA

Deitada numa fina camada de neve, ela vê terra cinzenta tocar em céu cinzento e sabe que regressou. O horizonte parece arranhado, mas as marcas de garras são apenas três árvores atrofiadas. Estão alinhadas em fila, como se estivessem a agrafar a terra ao céu.

Arqueja subitamente, uma reação retardada, como se alguém estivesse a tentar roubar-lhe a respiração e ela tentasse sugá-la de novo para a garganta.

Senta-se. Ainda é pequena, não passa de uma rapariguinha de nove anos. Tem a sensação de ter perdido muito tempo, mas isso não é verdade. Não propriamente. Não perdeu anos. Talvez apenas dias, semanas.

Aconchega o casaco espesso em torno das costelas. O casaco é impermeável. Ela toca nos botões prateados. Há um cachecol metido para dentro do casaco depois de dar duas voltas ao pescoço. Quem a vestiu? Quem deu duas voltas ao cachecol? Olha para as suas botas, azuis escuras com atacadores grossos, novas, e para as mãos metidas em luvas, cada dedo envolto num casulo justo.

Uma madeixa do seu cabelo ruivo escuro repousa sobre o casaco. O cabelo brilha. Cada fio termina numa ponta grossa e perfeita, como se tivesse acabado de ser cortado.

Puxa a manga do casaco para cima, expondo o braço. Tal como acontecia sob a luz forte, o osso já não está torcido. Não há delgadas cristas de plástico ao longo da pele. Não está pontilhada de estilhaços. Nem sequer ostenta um sinal ou uma sarda. A sua pele está branca — branca como a neve devia ser, talvez ainda mais branca. Ela nunca viu neve verdadeiramente branca com os seus próprios olhos. As veias finas formam linhas azuis sob o branco. Ela esfrega a pele macia da parte de dentro do pulso na face, depois nos lábios. Pele lisa contra pele lisa.

Olha em volta e sabe que eles estão perto; consegue sentir a eletricidade dos seus corpos a encher o ar. Lembra-se de como foi quando eles a levaram de entre os outros enjeitados; sem mãe, sem pai, viviam em alpendres feitos à mão perto dos mercados. Não sabe ao certo por que foi escolhida, levantada ao ar, agarrada. Um deles envolveu-a nos braços e partiu a correr pelo meio dos destroços, enquanto os outros saltavam à sua volta. A respiração dele era ritmada, mecânica, as suas pernas bombeavam como pistões. Os olhos dela tinham ficado lacrimejantes por causa do vento, pelo que o rosto anguloso dele permanecera pouco nítido. Nessa altura, ela não tivera medo, mas agora tem. Eles estão ali, os seus corpos fortes a zumbir como abelhas gigantes, mas vão deixá-la. Sente-se como uma criança num conto de fadas. Nas histórias da sua mãe — pois ela tivera uma mãe, outrora — havia um caçador que fora encarregado de levar o coração de uma rapariga a uma rainha malvada, mas não conseguira obrigar-se a fazê-lo. Outro abrira a barriga de um lobo para salvar as pessoas que ele comera. Os caçadores eram fortes e bons. Mas por vezes deixavam rapariguinhas nos bosques, rapariguinhas que depois tinham de se amanhoar sozinhas.

Cai uma neve ligeira. Ela levanta-se devagar. O mundo oscila brusca-mente, como se tivesse ficado mais pesado de repente. Ela cai de joelhos, depois ouve vozes no bosque; são duas pessoas que se aproximam. Mesmo àquela distância, ela consegue ver as cicatrizes vermelhas nos rostos delas. Uma coxeia. Transportam sacos.

Aconchega o cachecol sobre o nariz e a boca. Tem de ser encontrada. É uma enjeitada; lembra-se de essa palavra ter sido usada no quarto da luz forte. «Queremos que ela seja uma enjeitada.» Era uma voz de homem, a vibrar através de um altifalante. Era ele quem mandava, embora ela nunca o tivesse visto. Willux, Willux, sussurravam as pessoas — pessoas de pele lisa, que não estavam fundidas a coisa nenhuma. Deslocavam-se com facilidade em torno da sua cama, rodeada por suportes de metal de onde pendiam sacos de líquido transparente que pingava para tubos, por entre fios e pequenas máquinas que apitavam. Era como ter mães e pais, demasiados para contar.

Ela lembra-se da grande luz, da lâmpada brilhante, tão forte e próxima que a mantinha quente. Lembra-se da primeira vez que passara a mão pela pele e de como a sua barriga também estava lisa quando lhe tocara. O seu umbigo, a coisa que a sua mãe chamava «umbiguinho» e a que as vozes no quarto se referiam como cicatriz umbilical, tinha desaparecido.

Enfia a mão por baixo do casaco e da saia e passa-a sobre a barriga. Como da outra vez, há apenas uma superfície lisa de pele e mais pele.

«Curada», tinham dito as vozes por trás de máscaras brancas, mas havia nelas preocupação. «Um êxito, apesar de tudo», diziam. Alguns queriam conservá-la lá para observação.

Ela começa a abrir a boca para chamar os vultos distantes que transportam sacos, mas a sua boca não se abre completamente. É como se os seus lábios estivessem parcialmente cosidos de ambos os lados — com os cantos selados.

E que ia ela dizer? Não consegue lembrar-se de qualquer palavra. As palavras são um turbilhão indistinto na sua cabeça. Não consegue ordená-las, nem pronunciá-las. Por fim, chama, mas a única palavra que se forma na sua boca é «Queremos!» Ela não compreende porquê. Tenta pedir ajuda de novo, mas volta a gritar: «Queremos!»

Elas aproximam-se, duas mulheres jovens. São recoletoras; dá para perceber pelas verrugas e cicatrizes que lhes marcam os dedos. Já tocaram numa quantidade de bolbos, bagas e cogumelos venenosos. Uma delas tem dois espigões prateados, como dentes de um garfo velho, no lugar de dois dos seus dedos. É ela que coxeia e o seu rosto, embora queimado num tom vermelho-escuro, é estranhamente bonito, sobretudo devido aos olhos, que brilham num tom laranja-dourado, como metal líquido — foram marcados pelo clarão das próprias bombas. É cega. Agarra no braço da outra recoletora e diz:

— Quem és tu? — Parece o chamamento de um pássaro. A rapariga ouvia pássaros no quarto da luz forte, o seu canto gravado e reproduzido através dos altifalantes invisíveis. A arrulhar, pensa ela. Agora ouve outros pássaros no bosque. Fazem o tipo de sons que acompanham toda a sua infância: não são notas límpidas e doces, como no quarto iluminado, mas sons ásperos e roucos.

As duas jovens têm medo dela. Será que já perceberam que ela é diferente?

Quer dizer-lhes o seu nome, mas não se lembra dele. As únicas palavras que encontra na sua mente são Flor de Fogo. Era o que a sua mãe lhe chamava, por vezes; nascida do fogo e da destruição, lançara raízes e medrara. Nunca conheceu o pai, mas está convencida de que ele se perdeu no fogo e na destruição.

Então o seu nome repara-se no seu cérebro: Wilda. Chama-se Wilda.

Pousa a mão no chão frio. Quer dizer-lhes que é nova. Quer dizer-lhes que o mundo mudou para sempre. Mas o que diz é:

— Queremos o nosso filho.

As palavras surpreendem-na. Porque terá dito aquilo?

As duas jovens viram-se uma para a outra. A cega diz:

— Que significa isso? O filho de quem?

A outra tem uma cicatriz que lhe desce ao longo da bochecha, como se lá tivesse ficado fundida uma trança, agora coberta por uma camada de pele.

— Não é boa da cabeça — comenta ela.

— Quem és tu? — pergunta a cega de novo.

A rapariga responde:

— Queremos o nosso filho. — São as únicas palavras que consegue dizer.

As jovens olham subitamente em redor, mesmo a cega. Ouvem as sinapses elétricas que fazem estalar o ar. As criaturas que a trouxeram estão irrequietas.

— São muitos — diz a que tem a cicatriz da trança, com os olhos arregalados. — Estão a protegê-la. Não os sentes? Foram mandados pelos nossos Vigilantes para olharem por ela.

— Anjos — diz a cega.

Começam a recuar.

Mas então Wilda arregaça a manga e mostra-lhes o braço — tão branco que parece brilhar.

— Queremos — diz de novo, lentamente — a devolução do nosso filho.

PARTE I

PRESSIA

TRAÇAS

O átrio do quartel-general da OSR é pontilhado por um punhado de candeeiros a óleo feitos à mão, suspensos das traves expostas do teto alto. Os sobreviventes estão deitados em mantas e colchões, enroscados uns nos outros para se manterem quentes. Os seus corpos conservam um calor húmido coletivo, apesar de as janelas altas não terem sido entaipadas. As molduras nuas estão orladas pelos restos de cortinas de gaze, e rajadas sobre rajadas de flocos de neve flutuantes entram por elas, como se centenas de traças tivessem sido atraídas pela promessa de lâmpadas acesas contra as quais podem esmagar-se.

Está escuro lá fora, mas é quase manhã e alguns dos mais madrugadores começam a acordar. Pressia ficou outra vez acordada a noite toda. Às vezes, fica tão absorvida pelo seu trabalho que perde a noção do tempo. Empunha um braço mecânico, que acabou de fazer com os pedaços de sucata que El Capitan lhe traz: pinças prateadas, cotovelo feito de um rolamento de esferas, velho fio elétrico para segurar tudo e tiras de couro cortadas à medida do bíceps delgado do amputado. Trata-se de um rapazito de nove anos, cujos cinco dedos ficaram fundidos, quase como se ligados por membranas. Ela sussurra o nome dele com a voz rouca.

— Perlo! Estás aqui?

Abre caminho por entre os sobreviventes, que mudam de posição e resmungam. Ouve um silvo abrupto e lastimoso.

— Xiu! — diz uma mulher. Pressia vê algo contorcer-se por baixo do casaco dela, depois a cabeça preta e sedosa de um gato surge ao lado do seu pescoço. Um bebé chora. Alguém pragueja. Uma canção ergue-se da garganta de um homem, uma canção de embalar. As

meninas fantasma, as meninas sinistras, as meninas fantasma. Quem pode salvá-las deste mundo? Deste mundo? O rio é largo, a corrente enrola, a corrente chama, a corrente enrola... O bebê cala-se. A música ainda funciona, a música acalma as pessoas. *Somos desgraçados, mas ainda somos capazes disto — brotam canções em nós.* Pressia gostaria que os habitantes da Cúpula soubessem isso. *Somos ferozes, sim, mas também capazes de uma ternura espantosa, de bondade, de beleza. Somos humanos, temos defeitos mas continuamos a ser bons, certo?*

— Perlo? — tenta de novo, aconchegando o braço protético contra o peito. Por vezes, em multidões como esta, põe-se a procurar o seu pai, embora não se lembre das feições dele. Antes de morrer, a sua mãe mostrara-lhe as tatuagens pulsantes que tinha no peito — uma das quais pertencia ao pai de Pressia, prova de que ele sobrevivera às detonações. Claro que ele não está ali. Provavelmente não está sequer naquele continente, ou no que sobrou dele. Mas ela não consegue evitar escrutinar os rostos dos sobreviventes em busca de alguém que se pareça um pouco com ela — olhos amendoados, cabelo preto brilhante. Não consegue deixar de procurar, por muito irracional que seja acreditar que poderá encontrá-lo um dia.

Acaba de atravessar o átrio e chega a uma parede forrada de cartazes. Em vez da garra negra, que outrora infundia terror nos sobreviventes, ostentam o rosto de El Capitan: severo, com o queixo duro. Percorre a fila de cartazes com o olhar, os olhos das fotografias cuidadosamente alinhadas, o irmão, Helmud, apenas uma pequena intumescência atrás das costas de El Capitan. Por cima da sua cabeça lê-se: «És capaz e forte? Alista-te. A solidariedade vai salvar-nos». Foi El Capitan que concebeu os cartazes e tem orgulho neles. Em baixo, letras pequenas prometem o fim dos Festivais de Morte — as equipas de soldados da OSR encarregadas de mondar os fracos, de recolher os mortos no campo inimigo — e do recrutamento obrigatório aos dezasseis anos. Aos voluntários, El Capitan promete Comida sem Medo. Medo de quê? A OSR tem uma história tenebrosa. As pessoas eram capturadas e levadas à força, obrigadas a desaprender a ler, utilizadas como alvos vivos...

Tudo isso acabou. Os cartazes deram resultado. Agora há mais recrutas do que nunca. Vêm da cidade, esfarrapados e famintos, queimados e fundidos. Às vezes vêm famílias inteiras. El Capitan disse a Pressia que vai ter de começar a mandar alguns embora. «Isto não é um estado-providência. Estou a tentar formar um exército.» Mas por enquanto ela tem conseguido persuadi-lo a deixá-los ficar.

— Perlo! — sussurra mais uma vez, caminhando ao longo da parede, fazendo deslizar a mão sobre as bordas onduladas dos cartazes. Onde estará ele? As cortinas flutuam para dentro da sala. A neve é sugada como se a grande sala estivesse a respirar fundo.

Uma família suspendeu uma manta de um pau, criando uma pequena tenda para bloquear o vento. Em pequena, Pressia costumava fazer pequenas tendas nas traseiras da barbearia incendiada, usando uma cadeira e a bengala do avô para pendurar um lençol e brincar às casinhas com a sua boa amiga Fandra. O avô chamava-lhes *tendas de cachorrinhos*, e ela e Fandra punham-se a ladrar como cãezinhos. Ele ria tanto que a ventoinha na sua garganta girava loucamente. Pressia sente uma pontada de perda — pelo seu avô e por Fandra, ambos mortos, e pela sua infância, que está morta também.

Fora das janelas há guardas de vigia, postados a intervalos de quinze metros a toda a volta do quartel-general da OSR, porque as Forças Especiais, enviadas pela Cúpula, estão a multiplicar-se. Há poucas semanas, foram avistadas a correr pelo bosque, os seus vultos gigantescos avolumados por músculos animais, a sua pele coberta de algo sintético e camuflado. São ágeis, quase silenciosos, incrivelmente rápidos e fortes, e bem armados; as suas armas estão incorporadas nos próprios corpos. Lançam-se pelos Campos de Destroços, esgueiram-se entre as árvores, precipitam-se por becos: silenciosos e furtivos, varrem rotineiramente a cidade. Acima de tudo, querem Partridge, o meio-irmão de Pressia. Partridge está sob a proteção das mães, juntamente com Lyda, que é Pura como ele e foi enviada como peão pela Cúpula, e com Illia, que era casada com o líder máximo da OSR e matou o seu perverso marido. De vez em quando recebem notícias deles através de relatórios esquemáticos de soldados da OSR, que temem profundamente as Mães. Um desses relatórios informava que as Mães estavam a ensinar Lyda a lutar. Esta não passa de uma rapariga da Cúpula, sem qualquer preparação para sobreviver nos ermos cinzentos e ainda menos para viver com as Mães, que tanto podem ser amorosas e leais, como verdadeiramente bárbaras. Como estará ela? Outro relatório referia que Illia não estava a aguentar-se. Ela levava uma vida protegida na casa da quinta, ao longo de todos aqueles anos, e agora os seus pulmões debatiam-se sob o ataque constante da cinza que revolteava no ar.

Todos os que estavam presentes nos momentos finais da vida de mãe de Pressia têm de ter cuidado. São os que sabem a verdade acerca de Willux e da Cúpula, e talvez tenham algo que Willux ainda

procura: os frascos. Bradwell e El Capitan aproveitaram tudo o que puderam do *bunker* da mãe de Pressia, após a morte dela. Agora é Partridge que tem os frascos e Pressia espera que ele consiga mantê-los em segurança. Significam muito para Willux — com aqueles frascos, mais um ingrediente e a fórmula para combinar tudo, o velho poderia salvar a própria vida. Os frascos da mãe de Pressia são potentes, sim, mas são também demasiado perigosos e imprevisíveis para terem qualquer utilidade. São recordações.

Por quanto tempo conseguirão as Mães esconder Partridge? O suficiente para que o pai dele morra? É essa a grande esperança: que Ellery Willux morra em breve e Partridge possa tomar o controlo da Cúpula a partir de dentro. Às vezes Pressia tem a sensação de que estão todos imobilizados à espera, sabendo que algo terá de ceder e só então o futuro tomará forma.

Freedle bate as asas no bolso da camisola dela. Pressia mete a mão lá dentro e passa um dedo pelas costas da cigarra robótica.

— Shhh — sussurra. — Está tudo bem. — Não tinha querido deixar a cigarra sozinha no seu pequeno quarto. Ou seria ela própria que não queria estar sozinha? — Perlo! — chama. — Perlo!

E, finalmente, ouve-o:

— Aqui! Estou aqui! — O rapazito corre para ela, serpenteando entre sobreviventes. — Acabaste-o?

Pressia ajoelha-se.

— Vamos ver se serve. — Ajusta a braçadeira de couro em torno do braço do pequeno, aperta-o com os atilhos feitos de fios elétricos. A mão fundida dele é capaz de fazer movimentos tamborilantes. Pressia diz-lhe para para aplicar pressão sobre uma pequena alavanca.

Perlo experimenta. A pinça abre e fecha.

— Funciona. — O rapaz abre e fecha rapidamente a pinça uma e outra vez.

— Não é perfeito — diz ela —, mas creio que vai ajudar.

— Obrigado! — exclama ele, tão alto que uma das pessoas deitadas no chão, ali perto, o manda calar. — Talvez possas fazer alguma coisa para ti própria — sussurra ele, olhando para a cabeça da boneca. — Quero dizer, talvez haja alguma coisa...

Ela inclina a boneca de modo que os olhos pisquem; um está ligeiramente colado com cinza, pelo que pisca mais devagar do que o outro.

— Não creio que se possa fazer seja o que for por mim — responde ela. — Mas eu safo-me.

A mãe do rapaz chama-o num sussurro. Ele vira-se bruscamente, erguendo o braço no ar em sinal de triunfo, e corre a mostrar-lho.

Então ouve-se um tiro distante, reverberando num eco ondulante. Pressia agacha-se instintivamente e mete a mão no bolso para proteger *Freedle*. Pega-lhe e encosta-o ao peito. A mãe de Perlo puxa o filho para junto de si. Pressia sabe que deve ter sido um soldado da OSR a disparar contra sombras mutáveis. Tiros desnecessários não são invulgares. Mas isso não impede que o peito dela se aperte sobre o coração. É Perlo e a mãe e o tiro — a mistura de tudo — e ela lembra-se do peso da arma nos seus braços, de a levantar, apontar, disparar. Os seus ouvidos ainda zumbem e os seus olhos ainda se turvam com a névoa sanguinolenta. Esta enche-lhe a visão. O vermelho brota diante de si, como as flores que irrompem nos Campos de Destroços. Foi ela que puxou o gatilho, mas agora não consegue recordar se isso foi a decisão certa. Não consegue compreender. A sua mãe está morta. Morta.

Caminha rapidamente, ao longo das paredes do átrio, os cartazes sucedendo-se até ao infinito. Pega carinhosamente em *Freedle*. Quando chega a uma janela, espreita para fora com cuidado.

Vento. Neve. As nuvens como coágulos de cinza a esgueirar-se pelo céu. Vê-se uma estrela brilhante (uma raridade) e, mais abaixo, a orla do bosque, as árvores quebradiças amontoadas e curvadas. Pressia distingue os uniformes dos soldados e o cintilar ocasional de uma arma, o véu delgado da respiração deles a subir no ar frio da encosta. Vê o rosto da sua mãe, deitada no chão da floresta, depois as feições são obliteradas. Foi-se.

Para lá dos soldados, o seu olhar tropeça por entre as árvores. Haverá algo ali fora, algo que quer entrar? Pressia imagina as Forças Especiais acoradas na neve. Ainda precisarão sequer de dormir? Serão parcialmente criaturas de sangue frio, com a pele coberta por uma fina rede de gelo? Está tudo tranquilo, estranhamente tranquilo, mas apesar disso sente-se uma certa energia contida, como a de uma mola. Nevou há três dias, a princípio apenas uma neve fina e leve, que depois se transformou num verdadeiro nevão, e agora o relvado está coberto por uma camada de gelo escura e vidrada, com seis centímetros ou mais de espessura, e ainda há flocos a pairar no ar.

Pressia sente alguém agarrar-lhe no cotovelo. Vira-se. É Bradwell, as cicatrizes duplas a subir-lhe pela bochecha, as pestanas escuras, os lábios cheios gretados pelo frio. Ela olha para a mão dele, vermelha e áspera. Os nós dos dedos são marcados por cicatrizes e belos. Como podem nós dos dedos ser belos? É como se Bradwell os tivesse inventado.

Mas as coisas já não são assim entre eles.

— Não me ouviste chamar? — pergunta ele.

Ela tem a sensação de que a voz dele vem de baixo de água. Uma vez, enquanto a casa da quinta ardia, arranjava coragem para o fazer prometer que encontraria um lar para eles, mas isso fora apenas porque ela não acreditava verdadeiramente que aquele momento fosse durar.

— Que se passa?

— Estás bem? Pareces aturdida.

— Tive de levar um braço a um rapaz e houve um tiro. Mas não foi nada. — Pressia não admitiria que vira uma explosão de vermelho intenso diante dos seus olhos, tal como não confessaria o seu medo de se apaixonar por ele. Isso é algo que ela sabe ser verdade: todos aqueles a quem jamais amou morreram. À luz desse facto, como poderia permitir-se amar Bradwell? Neste preciso momento está a olhar para ele e as palavras ressoam como tambores na sua cabeça: *Não o ames. Não o ames.*

— Estiveste toda a noite a pé? — pergunta ele.

— Sim. — Ela apercebe-se de que o cabelo dele está todo revolto e eriçado. Ambos têm a capacidade de desaparecer durante dias. Bradwell deixa-se devorar pela sua obsessão com as seis caixas negras, que emergiram dos escombros da casa da quinta, e encafua-se dias a fio na antiga morgue, onde agora vive, na cave do quartel-general. Pressia deixa-se absorver pela feitura das próteses. Bradwell continua apostado em compreender o passado, ao passo que ela se dedicou a ajudar as pessoas aqui e agora.

— Também passaste a noite em branco?

— Hum, sim. Acho que sim. Já é manhã?

— Quase.

— Então, estive, sim. Fiz progressos com uma das caixas negras. Uma delas mordeu-me.

— Mordeu-te? — *Freedle* remexe-se nervosamente na sua mão.

Ele mostra-lhe a marca de uma pequena picada no polegar.

— Não foi com força. Talvez tenha sido apenas um aviso. Agora gosta de mim, acho eu. Começou a seguir-me por toda a parte na morgue, como um cãozinho.

Ela começa a caminhar pelo corredor, passando por mais cartazes de recrutamento de El Capitan, e Bradwell segue-a.

— Desmontei-as e voltei a montá-las. E contêm informações acerca do passado, tanto quanto posso avaliar, mas não estão preparadas para

transmitir. Não são espiões da Cúpula, nem nada do género, coisa que eu tinha de tirar a limpo. Se alguma vez tiveram esse tipo de aptidões, entretanto perderam-nas. — A tirada de Bradwell é entusiástica, mas Pressia não está interessada nas caixas negras. Está cansada do desejo de Bradwell em provar as teorias da conspiração dos seus pais acerca da Cúpula, da versão dele sobre a verdade, a História-Sombra e tudo o mais. — E esta, não sei explicar... esta é diferente. É como se me conhecesse.

— O que fizeste para ela te morder?

— Estava a falar.

— Acerca de quê?

— Não me parece que queiras saber.

Ela detém-se e fita-o. Ele enterra as mãos nos bolsos. Os pássaros nas suas costas batem as asas, agitados.

— Claro que quero saber. Foi assim que conseguiste abrir a caixa, não foi? É importante.

Ele inspira fundo e retém a respiração por um momento. Baixa o olhar para o chão e encolhe os ombros.

— Pronto, está bem — diz. — Estava a falar de ti.

Ela e Bradwell nunca falaram sobre o que tinha acontecido na casa da quinta. Ela lembra-se da maneira como ele a abraçou, da sensação dos lábios dele nos seus. Mas esse tipo de amor não pode sobreviver. O amor é um luxo. Ele está a olhar para ela, com a cabeça inclinada, os olhos fixos nos seus. Ela sente o calor alastrar pelas profundezas do seu corpo. *Não o ames*. Não consegue levantar sequer o olhar para ele.

— Oh! — faz ela. — Estou a ver.

— Não, não estás. Ainda não. Vem comigo. — Bradwell leva-a por outro corredor, depois vira-se. Parada junto à porta, esperando pacientemente, está uma caixa negra. De facto, é mais ou menos do tamanho de um cão pequeno, do tipo que o avô dela chamava um *terrier*, do tipo que gosta de matar ratazanas.

— Disse-lhe para ficar e ela ficou — diz Bradwell. — Chama-se *Fignan*.

Freedle soergue-se da palma da mão de Pressia para ver por si mesmo.

— Será que sabe sentar-se e dar apertos de mão? — pergunta Pressia.

— Acho que sabe muito mais do que isso.

PARTRIDGE

BESOURO

A cave cheira a água da chuva e mofo. Esporos vermelho-vivo pontilham as paredes e o chão de terra batida. As paredes estão forradas com os frascos de legumes estranhos das Mães, conservados em vinagre. A Mãe Hestra, fortemente armada, patrulha lá em cima. Cada passo dela recorda a Partridge que está fechado num subterrâneo. Às vezes tem a sensação de que os passos dela são batidas cardíacas e que ele está preso entre as costelas de uma Besta gigantesca.

Não vê Lyda há seis dias. É difícil calcular o tempo, estando sozinho e sempre debruçado sobre os mapas da Cúpula que está a desenhar, apenas com uma fresta da porta da adega para medir a luz do dia, interrompido ocasionalmente para as magras refeições fornecidas pelas Mães: caldos pálidos, nódulos de tubérculos brancos e, de vez em quando, um cubo de carne que se come numa só dentada.

Diz a si próprio que a superfície não é melhor — não é mais do que os destroços abandonados dos subúrbios. Mas, por Deus, sente-se preso numa armadilha, e ainda pior do que esse sentimento é o tédio. As Mães deram-lhe um velho candeeiro, pelo que ele tem luz suficiente para trabalhar, e forneceram-lhe várias folhas de papel grandes, lápis e uma placa de contraplacado, que ele pousou no chão e utiliza como estirador. Está a desenhar mapas, tentando recordar todos os detalhes das plantas que memorizou para sair da Cúpula, tentando reproduzir tudo o mais depressa possível. Mas hora após hora, minuto após minuto, passo após passo... o tédio torna-se insuportável.

A verdade é que é obrigado a apoiar-se na proteção das Mães, pelo menos até se decidir por um plano. Parte de si quer esperar que o pai morra. O velho tem vindo a enfraquecer. Décadas de melhorias

cerebrais provocaram-lhe paralisia e deterioração da pele. A mãe de Partridge disse-lhe que isso eram sintomas de Degeneração Celular Rápida. Não tardará que o organismo do pai entre em falência e isso pode ser o momento ideal para Partridge regressar. É provável que a Cúpula o respeite como um legado do seu pai. Afinal de contas, este governou como um monarca.

Mas a outra parte gostaria de derrubar o pai ainda em vida, derrotá-lo pelos motivos certos. As pessoas da Cúpula não merecerão saber a verdade sobre o que o seu pai fez? Se Partridge conseguir transmitir-lhes essa verdade e explicar que há outra forma de viver — uma na qual não se limitam a seguir as ordens do seu pai como carneiros, uma na qual não veem os sobreviventes como desgraçados maldosos, que merecem o seu destino — escolhê-la-iam de preferência ao reinado do seu pai. Partridge está seguro disso.

Tem de arranjar tempo para traçar um plano com Lyda. Parece inevitável que regressem ambos, juntos.

Entretanto, concentra-se em terminar os mapas, suportando a sua prisão solitária, o impacto brutal do tédio, o bolor e os esporos, a comida racionada, e, despojado de todas as armas, a terrível sensação de precisar das Mães, que o tratam como uma criança e, simultaneamente, como um perigoso criminoso. Ainda o consideram como inimigo, especialmente por ele ser oriundo da Cúpula; é um Morte, ou seja, um homem, mas, pior ainda, é um homem da Cúpula — indigno de confiança.

As Mães estão interessadas nos mapas, motivo pelo qual lhe deram os materiais de desenho, mas Partridge quer levá-los a El Capitan. É o único dom que tem para dar. Talvez nunca venham a servir para nada: quais são as probabilidades de El Capitan vir jamais a formar um exército viável, capaz de derrubar a Cúpula? Ainda assim, é algo com que Partridge pode contribuir. Enquanto trabalha nos mapas, deixa que a sua mente percorra tudo o que a sua mãe lhe disse antes de morrer. Anotou todas as palavras que conseguia recordar e tudo lhe parece carregado de informação, codificado.

Pousa o lápis, abre e fecha o punho. Está com cãibras na mão, até mesmo no dedo mindinho parcialmente amputado, que cicatrizou num coto vermelho e lustroso. Esfrega os dedos, sentindo a suavidade do soro ceroso em que as Mães o tinham feito banhar-se, a título de preparação para uma viagem próxima. O soro, extraído de uma árvore de cânfora e cera de abelha, destina-se a reter e disfarçar o seu odor. A sua pele está rígida e lustrosa. Há relatos de que forças especiais

possuem um olfato excelente, tal como acontece com algumas das outras Bestas e Poeiras. As Mães nunca deixam Partridge e Lyda permanecer no mesmo sítio por muito tempo. São protetoras, sim, mas além disso a Mãe Hestra disse a Partridge que não podem correr o risco de que as Forças Especiais se aproximem demasiado dele, pondo-os a todos em perigo. Uma vida nómada é a melhor solução.

Lyda também terá sido banhada no soro? Partridge vive no medo de que, um dia, ela não o acompanhe na viagem para o lugar seguinte. Até agora, tem vindo sempre. Ele tenta imaginar a sensação da pele dela coberta por aquela cera.

A caixa de música da sua mãe repousa no chão de terra ao seu lado. A pequena caixa de metal que se encontrava na gaveta dela nos Arquivos de Perda Pessoal; Bradwell carbonizara-a na cave do talho, mas certificara-se de que ela lhe era devolvida. Bradwell é mais sentimental do que Partridge julgava e tem um ponto fraco no que se refere a coisas deixadas pelos pais. Partridge limpou a fuligem da caixa, mas as engrenagens permanecem enegrecidas. Visto todas as peças serem metálicas, ainda funciona, embora agora esteja desafinada e tenha o som um pouco abafado. É a única coisa que as Mães lhe permitiram guardar, talvez por elas próprias serem mães. Pega nela, dá-lhe corda e deixa-a tocar, as notas a vibrar no ar húmido e parado. Tem saudades da mãe. Sentiu a falta dela ao longo de uma parte tão grande da sua infância que se tornou verdadeiramente bom nisso. Talvez seja essa a razão pela qual é tão bom a sentir a falta de Lyda. Anos de prática.

Quando as notas se extinguem, olha para o mapa mais recente, uma secção transversal dos três níveis superiores da Cúpula (Superior Um, Superior Dois e Superior Três) e dos três pisos subterrâneos chamados Sub Um, Sub Dois e Sub Três, que incluem uma área para os gigantescos geradores de energia. O piso térreo é designado por Zero; alberga a academia, onde ele passava a maior parte do tempo.

As saudades da academia perseguem-no implacavelmente. Não devia desejar estar de novo no seu quarto da residência de estudantes, a sair com Hastings, a suplicar apontamentos a Arvin Weed, a procurar evitar o rebanho — um grupo de rapazes que essencialmente o detestavam —, mas a verdade é que deseja. Até tem saudades das aulas. Pensa em Glassings, o seu professor de História, no momento em que ele o puxou de lado no corredor, à porta da sala de baile. Partridge preparava-se para ir roubar a faca, portanto, em retrospectiva, aquele fora o momento em que podia ter voltado atrás, prosseguindo com a vida que lhe era familiar.

Mas as coisas não se haviam passado assim. De algum modo, fora parar onde estava agora, impotente.

A ironia é que tem os frascos, o fruto do trabalho de toda a vida da sua mãe. O seu pai matara por eles: o avô adotivo de Pressia, bem como o seu próprio filho mais velho e a mulher que alegadamente amava, a mãe de Partridge.

Os frascos recordam-lhe o que a mãe queria que ele se tornasse: um revolucionário, um líder.

Partridge dirige-se para os frascos de conserva das Mães e pega num, o terceiro a contar do canto. Por baixo há um buraco estreito e profundo, de onde fogem alguns escaravelhos. O jovem mete as mãos no buraco e retira de lá um pequeno fardo, muito bem atado e ligeiramente coberto de terra húmida. Leva-o para a sua esteira e desembulha os frascos da sua mãe, quatro ao todo. Estão ligados a seringas com tampas de plástico rijo sobre as agulhas. Depois de a quinta arder, Bradwell e El Capitan tinham ido buscá-los ao *bunker* da sua mãe, juntamente com tudo o mais que pudesse ter utilidade; computadores, rádios, medicamentos, provisões, armas, munições. Feito isso, pareceu-lhes inteligente dividir o grupo em dois: El Capitan, Helmud, Bradwell e Pressia tinham ido para o quartel-general; Lyda, Partridge e Illia haviam partido com as Mães, pois estas eram as mais capazes de manter Partridge escondido e fortemente guardado. Se um dos grupos fosse encontrado pelas Forças Especiais, pelo menos os outros poderiam continuar. Bradwell e El Capitan tinham ficado com a maior parte do material da mãe de Partridge, mas este ocultara os frascos por baixo do blusão.

Observa cada frasco. São frios ao toque. A sua mãe tinha-o levado ao Japão quando ele era bebé, a pedido do seu pai, pois os japoneses estavam mais avançados do que quaisquer outros a nível da criação de nanotecnologia biomédica para reparar lesões provocadas por detonações, sobretudo no que se referia a células autorregeneradoras, que entrariam no corpo para o reparar.

Desde muito jovem que o pai de Partridge se submetia a melhoramentos cerebrais, a ponto de o seu cérebro se iluminar com o disparo das sinapses, e agora apresenta os sintomas característicos da Degeneração Celular Rápida: paralisia e deterioração da pele, à qual se seguiria falência dos órgãos e, por fim, morte. Não é o único. Partridge lembra-se como, na Cúpula, qualquer pessoa que esteja doente, velha ou cansada, é rapidamente levada para uma ala isolada do centro médico. Nas últimas semanas, ele compreendera uma verdade muito

tenebrosa: a Degeneração Celular Rápida acabará por afetar também as Forças Especiais e todos os rapazes da academia que foram sujeitos a melhoramentos, incluindo, um dia, o próprio Partridge.

Antes de morrer, a sua mãe dissera-lhe que, se o conteúdo daqueles frascos fosse emparelhado com outra substância, em conformidade com uma fórmula (que entretanto desaparecera), o produto resultante seria capaz de reverter a Degeneração Celular Rápida. Nessa altura, ele estava demasiado assoberbado por emoções — não via a mãe desde pequeno — para compreender inteiramente o que ela estava a dizer. Mas agora desejaria ter estado com as ideias mais claras, mais racional. Desejaria ter feito mais perguntas.

A sua mãe mostrara-lhe uma lista de habitantes da Cúpula que estavam do lado dela, incluindo os pais de Arvin Weed, o pai de Algrin Firth, e mesmo Durand Glassings. Essas pessoas integram uma rede no interior da Cúpula. Quando Lyda fora enviado para o exterior, como isca para atrair Partridge, um dos membros dessa rede segredara-lhe uma mensagem: *Diz ao cisne que estamos à espera*. Quando Partridge contara isso à mãe, ela sussurrara: «O Cygnus», coisa que ele continua sem compreender.

Ela dissera-lhe que o líquido daqueles frascos continha um potente material gerador de células. Mas dissera também que o soro era difícil de controlar, imperfeito, perigoso.

Partridge levanta um dos frascos contra a luz. Desejaria saber exatamente em que sentido é aquele líquido difícil de controlar, imperfeito, e perigoso. O que aconteceria, por exemplo, se tocasse a pele de uma criatura viva? Partridge quer testá-lo. A partir do momento em que essa ideia lhe entra na cabeça, não consegue livrar-se dela.

Antes de mais, precisa de algo vivo para testar o soro.

Um escaravelho.

Dirige-se de novo para os frascos de *pickles* e pega rapidamente num deles. Mais uma vez, alguns escaravelhos fogem a correr, mas ele consegue apanhar um com a mão em concha. O inseto tem as costas verdes e lustrosas, e a cabeça de um tom vermelho-vivo, com pinças que parecem chifres espinhosos. As suas patas abrem-se em leque, nodosas e cheias de espinhos. Partridge segura-o até o sentir a fazer-lhe cócegas nos dedos.

— Lamento — sussurra para a criaturinha. — Lamento mesmo.

Leva-o para a placa de contraplacado, abre a caixa de música da mãe, mete o inseto suavemente lá dentro e fecha a tampa. Ouve o escaravelho a raspar dentro da caixa. Gostaria que Arvin Weed,

o jovem génio da academia, ali estivesse. Deus, como Partridge lamenta não ter prestado atenção nos laboratórios.

Pega numa das seringas, destapa-a e enche-a com líquido de um dos frascos. A agulha brilha. Partridge sabe que isso significa que vai desperdiçar uma gota. *Só uma*, diz a si próprio. *Nada mais*.

Vira a caixa de música ao contrário. O escaravelho começa a correr pelo contraplacado, mas Partridge prende-o entre os dedos e segura-o com delicadeza.

Enquanto as patas se agitam sem ir a lado nenhum, uma cauda aguçada desenrola-se de baixo das asas, mostrando um ferrão oscilante. Os olhinhos pretos e redondos da criatura parecem molhados. Partridge olha para a agulha e começa a premir o êmbolo quando sente a picada. O indicador e o polegar, que prendem as costas blindadas do escaravelho, ficam rapidamente cobertos de um formigueiro escaldante. A sensação de queimadura sobe-lhe pela mão e o choque fá-lo gritar, mas não larga o escaravelho.

Aproxima a agulha do inseto o mais depressa que pode, mas a sua mão está tão rígida devido à dor que acaba por o soltar. A criatura corre pela superfície do contraplacado, mas não antes de uma gota de líquido deslizar da agulha, aterrando, espessa e húmida, numa das suas patas traseiras. A pata fica flácida, sob o peso do líquido, e o escaravelho começa a rastejar.

O grito de Partridge alertou a Mãe Hestra, cujos nós dos dedos batem na porta da cave:

— Que foi esse barulho?

— Nada! — Partridge embrulha rapidamente as seringas, a mão queimada, agora cheia de manchas, arrasta-se para o frasco de *pickles*, levanta-o e enfia as seringas embrulhadas no buraco. O escaravelho desaparece na escuridão por baixo da placa de contraplacado.

A porta da cave abre-se com estrondo, de par em par. A Mãe Hestra recorta-se contra uma luz fraca.

— Que barulho foi esse aqui? — indaga.

— É apenas um cântico da academia. Isto aqui em baixo às vezes é demasiado silencioso. — Partridge começa a massajar a mão dorida, mas depois detém-se. Não quer enfrentar mais perguntas.

A Mãe Hestra tem um corpo espesso. O seu filho, Syden, de cinco anos, está permanentemente fundido à sua perna. Veste peles cosidas umas às outras e ajustadas à forma do seu corpo, com uma abertura para a cabeça inchada do rapaz imediatamente acima da anca. A maior parte das Mães são Agrupadas, fundidas aos filhos, e Partridge nunca

conseguiu habituar-se a isso. Durante as Detonações, as Mães estavam a segurar os filhos no colo, ou a protegê-los dos clarões intensos, curvadas sobre eles, a cuidar deles. Partridge não consegue imaginar estar atrofiado naquela forma, sem nunca crescer, para sempre preso dentro dos limites do corpo da mãe. O rosto de Syden começou a modificar-se. Irá envelhecer assim?

A Mãe Hestra franze o sobrolho a Partridge. Uma das suas bochechas está cauterizada com palavras — algo escrito de trás para a frente, que ficou queimado na sua pele durante as Detonações — a impressão de uma tatuagem enegrecida. Partridge não se permite olhar para ela tempo suficiente para tentar lê-la. Não quer ser rude.

— Bem, para com isso — ordena ela.

— Já ia preparar-me para dormir.

— Ótimo. Partimos de manhã. Venho chamar-te cedo.

— A Lyda e a Illia também vêm? — Ele preferia que Illia não os acompanhasse. É louca. Não que ele a censure por isso. Ela vivia fechada na casa da quinta, maltratada pelo marido, forçada a esconder as suas cicatrizes sob uma meia concebida para parecer uma segunda pele. Ultimamente recomeçou a envolver-se em faixas de pano: por ter vergonha da sua pele? Ou simplesmente por hábito? Assassinará o marido, cravando-lhe um bisturi nas costas, e isso afetara-lhe a cabeça. Lyda é a única que ele quer ver. Lyda.

— A Lyda, sim. A Illia? Não sei — responde Mãe Hestra.

— Para onde vamos? — pergunta Partridge.

— Não posso dizer. — E, com isso, a Mãe Hestra desaparece da vista dele. A porta da cave bate. A notícia deixa Partridge ofuscado por um segundo. Acabou-se a prisão. Vai ver Lyda no dia seguinte. Tudo será diferente em breve; está quase. Ele sente-o. Deus, como tem saudades dela!

É então que ouve um raspar, baixo e pesado. Depois um barulho que lembra uma pá na terra. Mas também não é isso. Um arranhar intenso.

Tem a sensação de que não está sozinho.

A caixa de música da sua mãe está tombada no chão. Partridge estende a mão para a apanhar e vê um comprido espigão preto numa haste delgada: é a perna de um inseto, de um inseto gigantesco, que emerge de baixo do contraplacado. É demasiado grande para ser a pata do escaravelho. E continua a ouvir-se o raspar.

Partridge pega na placa de contraplacado e começa a levantá-la. A pata encolhe-se, desaparece.

O jovem respira fundo e dá um tal puxão ao contraplacado que este se vira. Por vezes, ele esquece-se de que foi codificado com força suplementar.

Lá está o escaravelho. A cauda bate na própria carapaça, as asas contorcem-se violenta e inutilmente, raspando uma na outra enquanto a criatura se esforça por respirar.

Tem uma pata espinhosa, grossa, enorme.

O líquido no frasco resultou. As células da pata do inseto não estavam feridas, pelo que, com uma velocidade incrível, em vez de repararem uma lesão, as células tinham construído sobre tecido saudável: até os espiões esculpido daquela pata traseira se haviam ordenado perfeitamente. E, por qualquer razão, aquilo parece familiar a Partridge: a delicadeza de reconstruir um pequeno membro. Já teria ouvido falar de algo semelhante?

Não quer tocar no escaravelho. A sua mão ainda formiga de calor. *Difícil de controlar, imperfeito, perigoso.* Era o que a sua mãe dizia do soro. A pata do animal estremece incontrolavelmente, cavando um sulco no chão de terra.

E Partridge é invadido por uma estranha sensação de poder. Fez com que aquilo acontecesse apenas com uma minúscula gota de líquido. Tem a cabeça a latejar e um zumbido nos ouvidos, e pensa no poder do seu pai. Que terá o velho sentido quando as Detonações rebentaram: explosão após explosão de luz ofuscante a pulsar em torno da Terra?

Meu Deus, pensa Partridge. E se o seu pai tiver gostado do poder de tudo aquilo? Se esse poder o tivesse feito sentir como se estivesse iluminado? Se tivesse sido como aquele momento infinitesimal, ampliado exponencialmente, infinitamente, dentro dele?

As asas do escaravelho apertam-se contra o seu corpo. A perna contrai-se em mais alguns espasmos, depois o inseto enterra a sua poderosa pata no chão, como uma faca, e empurra o corpo para cima. As patas mais pequenas agitam-se por baixo dele e a perna gigantesca contrai-se e estica-se. O escaravelho eleva-se no ar, de um salto, e bate as asas. Mas a perna é demasiado pesada para que as asas a suportem. A criatura cai ao chão, mas a pata gigantesca amortece a queda. Contraí-se de novo, salta para a frente, bate as asas, aterra, contraí-se, salta para a frente...

O escaravelho já não é o que era há instantes.

É uma nova espécie.

EL CAPITAN

NOVO

Tem estado a nevar intermitentemente, e agora começou de novo. A neve cai tremulante do céu, pairando com leveza entre as árvores escuras e o mato, pousando nos galhos retorcidos. Muitos ramos ostentam espessas camadas de pelo naquele outono frio. El Capitan passa os dedos pelo galho fino de um rebento e lá está: não é um revestimento piloso de algo vegetal. Não, é o tipo de pelo felpudo que se encontra na barriga de um gato jovem.

— Um dia vão crescer-lhes patas e põem-se a andar — comenta para o irmão, Helmud, o peso para sempre enraizado nas suas costas.

— Põem-se a andar — sussurra Helmud. Espreita por cima de um dos ombros de El Capitan, depois oscila bruscamente para o outro. Hoje parece ansioso.

— Para de te remexeres — ordena El Capitan.

— Remexer — diz Helmud.

El Capitan deu a Helmud coisas para ocupar as mãos. Helmud sempre teve mãos nervosas. Veio a revelar-se que o irmão estava a entrançar em segredo um laço para matar El Capitan, mas no fim acabara por lhe salvar a vida. Depois disso, El Capitan concluíra que tinha de confiar em Helmud. Não tinha alternativa. Para manter as mãos do irmão ocupadas, El Capitan dera-lhe um pequeno canivete e objetos para talhar.

— Tens a certeza de que queres fazer isso? — perguntara-lhe Bradwell certo dia.

El Capitan replicara:

— Claro que tenho a certeza. Ele é meu irmão!

Mas o canivete talvez seja apenas um teste, como se dissesse a Helmud, *Vai em frente. Queres matar-me? Tens a certeza? Eu facilito-te as coisas.* Por vezes, quando El Capitan se inclina para frente, uma pequena revoada de lascas de madeira flutua para o chão. Hoje Helmud está a talhar loucamente.

El Capitan senta-se na raiz larga de uma árvore e pouisa a espingarda encostada às suas botas. Saíram sem tomar o pequeno-almoço e agora ele está com fome. Abre um pacote de papel encerado e desembulha uma sanduíche feita com cantos de pão. Prefere os cantos, gosta de sentir a rijeza adicional nos dentes. Diz a Helmud:

— São horas de comer, irmão.

El Capitan está habituado às constantes repetições de Helmud; geralmente não passam de um eco sem sentido. Às vezes, porém, as palavras têm significado. E desta vez, Helmud repete a frase de forma ligeiramente diferente:

— São horas de comer irmão.

Como se tencionasse devorar El Capitan. É uma piada, destinada a mantê-lo atento.

— Então, então — diz El Capitan —, achas isso simpático, Helmud? Achas?

— Achas? — ecoa Helmud.

— Eu nem sequer devia partilhar esta sanduíche contigo. Tens noção disso? — Antes de começarem a dar-se com Pressia, El Capitan não teria partilhado, mas entretanto modificou-se um pouco. Sente isso em todo o seu corpo, como se a mudança alastrasse célula a célula. Pergunta-se se Helmud também dará por isso, visto partilharem tantas células. Não é que El Capitan tenha ficado meigo de repente. Não, continua a sentir uma fúria ardente, quase constante, no peito. É mais como ter um propósito, a sensação de que há algo que vale a pena proteger. Será a própria Pressia?

Talvez tenha começado com ela, mas não, é algo maior do que isso.

El Capitan arranca um pedaço do pão e da pequena fatia de carne entalada entre as duas metades do canto. Estende-o a Helmud. Tem de partilhar com Helmud. Os seus corações batem com o mesmo sangue e, se El Capitan vai ajudar a derrubar a Cúpula — e gostaria muito de viver para ver esse dia —, então precisa de ter Helmud do seu lado e de boa saúde. Ser cruel para Helmud é o mesmo que ser cruel para si próprio. E talvez seja precisamente essa a questão. El Capitan odiava-se a si mesmo antes de conhecer Pressia, mas agora esse sentimento abrandou um pouco. Dantes pensava em si próprio

como uma criança abandonada. Primeiro pelo pai, um piloto que fora expulso da força aérea por ter enlouquecido. El Capitan tentara ser como ele, aprendera tudo o que podia acerca de pilotar aviões, como se isso o tornasse digno de ter um pai. Depois a sua mãe morrera. Ao que parecia, ele não era digno de ter pais de todo. Enlouquecera ele próprio um pouco, mas não é obrigado a ficar assim para sempre. Certo? Pressia vê nele algo de valor e é possível que ela tenha razão.

— Estás a ver como eu sou simpático? — pergunta a Helmud.

— Como eu sou simpático — repete Helmud.

El Capitan partira de manhã com a intenção de seguir os impulsos elétricos. Não lhe agrada a forma como parecem estar a rondar cada vez mais perto do quartel-general. Têm conseguido escapar-lhe. Mas agora tem a certeza de sentir alguma coisa. Embora não seja capaz de ler os impulsos, sabe quando se deslocam a uma frequência mais elevada, o que significa que um deles emitiu um apelo qualquer e os outros estão a responder.

Embrulha o resto da sanduíche num pano, enfia-a no seu saco e encaminha-se na direção dos impulsos. Vê rastros na neve, cada pegada com um padrão de linhas cruzadas. Alguns vultos fugazes em corrida, mais à frente. Segue-os a uma distância respeitosa.

Chega a uma clareira e para. Alguns elementos das Forças Especiais estão agrupados no centro. São belos e fortes, quase majestosos. Uns são corpulentos, outros musculosos. Não parecem afetados pelo frio, como se as suas finas segundas peles estivessem reguladas para servir de isolamento. Possuem um excelente olfato. Um levanta a cabeça e dilata as narinas, cheirando El Capitan e Helmud, depois fixa os olhos nos de El Capitan, que não se mexe mas também não fica rígido. Não quer mostrar medo.

Ao longo das últimas semanas tem notado que aquele novo grupo não é tão robusto como o que ele e Helmud combateram no bosque, com Bradwell e Lyda. Não parecem completamente formados, como se as alterações nos seus corpos tivessem sido feitas à pressa. Não são tão ágeis. Por vezes cambaleiam. Não aparentam tanto à-vontade com as armas incorporadas nos braços. Quando se agrupam assim, é como se precisassem uns dos outros, de proximidade — como seres humanos.

As outras três criaturas também olham para Helmud e El Capitan, alertadas de algum modo impercetível pelo primeiro. Nunca lhe dizem uma palavra, embora ele saiba que são capazes de falar. É como se aceitassem a sua presença como fazendo parte do meio ambiente,

tal como o guincho agudo de um ocasional pássaro de asas deformadas e bico de metal, ou o grito semelhante ao de uma criança humana emitido por um animal apanhado numa das armadilhas de El Capitan. Não é ele quem procuram. Não é por isso que ali estão. Querem Partridge. El Capitan tem a certeza disso e receia que possam estar também ligados a Pressia; afinal, ela tem o sangue do irmão e pode ser útil à Cúpula, sobretudo como isco para atrair Partridge.

El Capitan gostaria de falar com eles. Sabe que a lealdade deles à Cúpula está programada no seu organismo, mas já houve um que se rebelou, durante a luta junto ao *bunker*: o irmão de Partridge, Sedge. São humanos, ao nível mais profundo. Ele sente que estabelecer uma ligação, por pequena que fosse, ajudaria. Tem estado à espera do momento certo.

Sai das árvores e ajoelha-se na neve, o frio e a humidade a penetrar através das calças. Abre os braços, num gesto de súplica. Baixa a cabeça, numa espécie de vénia.

Ouve o restolhar de passos, o estalar dos galhos. Levanta os olhos, mas as criaturas desapareceram.

Senta-se nos calcanhares.

— Merda.

— Merda — ecoa Helmud.

— Não fales assim — diz El Capitan ao irmão. — É um mau hábito.

Põe-se em pé, mas depois ouve um som atrás de si. Ergue lentamente a espingarda ao peito. Vira-se.

Uma criatura solitária das Forças Especiais está no meio do caminho, a não mais de seis metros de distância. El Capitan nunca o tinha visto. Não está a emitir impulsos baixos, que reverberam noutros elementos das Forças Especiais presentes na área. Interessante. Talvez não queira que saibam onde está.

É alto e o soldado das Forças Especiais mais magro que El Capitan jamais viu. De facto, o seu rosto ainda retém a sua humanidade, em vez de esta ser visível apenas nos seus olhos, que têm sempre uma aparência humana nas Forças Especiais. Este possui delicadeza no queixo e tem o nariz e as narinas pequenos. Os seus ombros e coxas são robustos, mas não demasiado volumosos. Tem duas armas embutidas nos antebraços, com o verniz ainda lustroso: nunca foram utilizadas.

É mesmo muito novo.

Observa El Capitan com desconfiança.

El Capitan levanta as mãos lentamente.

— Ouve, vamos fazer isto devagar e com calma.

— Com calma — diz Helmud, remexendo-se nervosamente nas costas do irmão.

— O que queres? — pergunta El Capitan.

A criatura espeta a cabeça, fareja o ar.

— Queres algo para comer? Se soubesse que vinhas, teria embrulhado mais comida.

A criatura abana a cabeça. Baixa-se, limpando neve do caminho e expondo a terra nua e lívida. Endireita-se e levanta o pé. Um punhal largo salta da ponta da bota. El Capitan recua, perguntando-se se irá ser esventrado, mas então a criatura crava o punhal no solo, levanta o queixo, alongando o olhar através das árvores, e começa a gravar uma palavra. El Capitan tem quase a certeza de que a criatura tem escutas nos olhos e nos ouvidos, como acontecera com Pressia outrora. Já jogou este jogo. A criatura quer dizer-lhe algo sem que fique registado.

Por baixo da palavra, a criatura parece estar a desenhar um símbolo qualquer.

Mas está tudo demasiado longe para El Capitan ler. Além disso, está de pernas para o ar.

A criatura recua, dá algumas passadas em direção à floresta, depois salta, agarrando-se a um tronco de árvore, cuja metade superior desapareceu e cujo interior foi completamente consumido por insetos.

El Capitan dá um passo hesitante em frente. Olha para a criatura, que continua com o olhar fixo nas árvores. Contorna a palavra e lê-a para si próprio: Hastings. Será que é um nome? Um lugar? Pensa na palavra *batalha*. Hastings não tem algo a ver com uma guerra? El Capitan sabe que não deve dizer a palavra em voz alta. Observa o símbolo. Trata-se de uma cruz, a forma como a Cúpula terminou a sua Mensagem, enviada logo a seguir às Detonações em pequenas tiras de papel caídas do céu. Uma cruz com um círculo no meio.

— Não sei o que ele quer de mim — diz El Capitan a Helmud.

O soldado salta da árvore e começa a correr. Mas depois para.

— Quer que o sigamos — diz el Capitan.

— Sigamos — repete Helmud.

El Capitan acena com a cabeça e segue o soldado pelo bosque durante quase quilómetro e meio, sempre num passo rápido. Por fim, chega a uma clareira que se abre sobre a cidade, ou sobre o que era dantes a cidade. Daquela altura, é fácil ver como foi reduzida

aos Campos de Destroços, mercados negros, carcaças de velhos edifícios, uma grelha de becos e ruas sem nome.

El Capitan olha em volta, em busca do soldado. Este desapareceu. El Capitan está sem fôlego. O coração de Helmud também bate depressa, mas talvez apenas porque o do irmão bombeou o sangue com tanta força.

— Raios — resmunga El Capitan. — Por que me terá ele trazido aqui?

— Trazido aqui? — ecoa Helmud.

Dali também se avista a Cúpula, uma curva branca na colina distante, a cruz a cintilar no céu lívido.

— Julgaria que não sei de onde ele vem? — Esfrega os olhos com os nós dos dedos.

— De onde ele vem — diz Helmud e aponta, sobre o terreno estéril e quase desértico que rodeia a Cúpula, para um grupo de pessoas ocupadas a arrastar madeira e a dispô-la no solo gelado.

— Uns doidos a tentar construir qualquer coisa à frente da Cúpula?

— À frente da Cúpula? — repete Helmud.

Porquê à frente da Cúpula? Seria isso que o soldado queria que ele visse? E se assim fosse, porquê? El Capitan observa a forma como as pessoas se mexem. Mostram-se organizadas, transportando objetos em fileiras ordenadas, como formigas.

— Isto não me agrada — diz ele. — Quase parece que estão a tentar atear um fogo.

— Fogo — diz Helmud. El Capitan levanta o olhar para a Cúpula.

— Por que raio fariam uma coisa dessas?

PRESSIA

SETE

A morgue é fria e nua, com uma mesa de aço comprida. Desde a última vez que ela ali esteve, há um par de semanas, Bradwell espalhou ainda mais papéis e livros. Partes do manuscrito inacabado dos seus pais estão dispostas em pilhas. Na parede, Bradwell colou a Mensagem, um original que o avô dela guardou durante anos. Ela dera-a a Bradwell, quando este regressara à barbearia para ir buscar o que restava. Afinal, é ele o arquivista.

Sabemos que estais aqui, nossos irmãos e irmãs. Um dia saíremos da Cúpula para nos reunirmos a vós em paz. Por agora, assistiremos de longe, com benevolência.

Quando a Mensagem flutuara para o chão, caída do bojo de uma aeronave, nos dias a seguir às Detonações, devia ter parecido uma promessa. Mas agora parece uma ameaça.

Bradwell faz deslizar uma barra pesada diante da porta, uma tranca artesanal aparafusada à parede.

— Bela casa que aqui tens — diz ela.

Ele dirige-se para o seu catre e endireita os cobertores.

— Não me queixo.

Pressia aproxima-se da mesa onde vê o sino que lhe deu na quinta. Encontrara-o na barbearia queimada pouco antes de sair de casa. Não tem badalo. Repousa sobre um recorte de jornal que deve ter sobrevivido às Detonações, provavelmente no cacifó dos pais de Bradwell. Não está tão queimado e embebido de cinzas como alguns dos outros documentos. Bradwell cuidou bem dele. Aliás, ele sempre cuidou bem das coisas do passado. Quando os seus pais foram assassinados,

antes das Detonações — mortos a tiro nas suas camas —, Bradwell encontrara o cacifo, que estava escondido num quarto secreto e reforçado. Continha a obra inacabada dos seus pais, que tentavam derrubar Willux, bem como as coisas que Bradwell preservara: revistas e jornais antigos, velhas embalagens. O cacifo está enfiado por baixo de um lavatório de aço inoxidável enferrujado. O sino esconde parte da manchete. Por baixo lê-se: afogamento considerado como accidental. Há uma fotografia de um jovem de uniforme, com as feições impassíveis, olhando para a câmara. Bradwell usa o sino como pisa-papéis. Não significará mais do que isso para ele?

Pressia pega em *Freedle*. Abre a mão e pouso-o na mesa. A criatura pisca os olhos, abre-os e olha em redor.

A caixa negra passa pelos pés dela, com o motor a zumbir.

— É um bocado como um cãozinho — diz Pressia. — Tens razão.

— Tive um cão, noutros tempos — recorda Bradwell.

— Nunca me tinhas contado.

— Contei ao Partridge quando andávamos à tua procura nas Terras Derretidas. Um amigo da família, Art Walrond, convenceu os meus pais a dar-me um cão. Disse-lhes que um filho único precisava de um cão. Chamei *Art Walrond* ao animal.

— Isso é um nome esquisito para um cão.

— Eu era um miúdo esquisito.

— Mas quando o Art Walrond, amigo da família, e o *Art Walrond*, cão da família, estavam ambos na sala, ao mesmo tempo e tu dizias, «Senta-te, Art Walrond», qual deles se sentava?

— Isso é uma pergunta filosófica?

— Talvez. — E quase parece estar tudo novamente bem entre eles. Talvez possam ser amigos, do tipo de amigos que trocam conversa ligeira e gracejos.

Bradwell inclina-se e faz uma festa na caixa negra, como se se tratasse de um cão.

— Não é bem como me lembro. — Ela gostaria de o imaginar como um rapaz com um cão, mesmo esquisito e tudo. Gostaria de saber coisas acerca de si própria em criança também. Passara a maior parte da sua infância a tentar recordar coisas que nunca tinham acontecido, a vida que o avô inventara para ela. Mas ele nem sequer era mesmo seu avô: era um desconhecido que a salvara e adotara como sua. Aquela mentira teria sido difícil para ele? Talvez tivesse tido mulher e filhos, mortos nas Detonações, e ela colmatasse um pouco a falta desses entes queridos perdidos. Mas ele já não existe, portanto ela nunca saberá ao certo.

Se as Detonações não tivessem ocorrido, ela gostaria de ter conhecido Bradwell numa realidade na qual não existissem punhos com cabeças de boneca, cicatrizes ou pássaros incorporados no corpo, uma realidade anterior a todas as perdas. Talvez tivessem trocado o seu primeiro beijo sob um ramo de azevinho, uma tradição que o avô lhe contara.

Do outro lado da mesa, a sala alonga-se com três filas do que parecem ser pequenas portas quadradas, três portas por fila, num total de nove. Pressia aproxima-se com curiosidade, toca numa das maçanetas.

— Isso é onde guardavam os corpos — explica Bradwell. — E a mesa de metal era usada para autópsias.

Os mortos. Pressia imagina o rosto da mãe: presente e logo desaparecida. Afasta a mão dos gavetões e olha para a parede do fundo, cujos blocos de cimento estão estalados, deixando ver a terra que os comprime do lado de fora.

— É uma morgue. Claro que guardavam aqui cadáveres — diz ela, mais para si própria do que para Bradwell.

— E ainda o fazem, de vez em quando.

Ela tenta aligeirar o ambiente:

— Suponho que será como ter um companheiro de quarto.

— Mais ou menos — replica Bradwell. — Até agora, só tive um.

— Quem?

— Um miúdo que morreu na floresta — diz Bradwell. — Queres conhecê-lo?

É como se um intruso tivesse aparecido de repente.

— Está aqui agora?

— Foi encontrado por soldados em patrulha. O Cap trouxe o corpo para aqui. Quer saber o que o matou. E estão a tentar encontrar a família para vir identificar o corpo.

— E se ele não tiver família?

— Suponho que um dos novos recrutas terá a tarefa de o enterrar. — Bradwell puxa uma das maçanetas. Pressia espera ver o corpo do rapaz. — Uma morgue também é o sítio perfeito para fechar caixas negras. — Quando o comprido gavetão desliza da parede, ela constata que contém as outras cinco caixas negras. Estão imóveis, com as luzes apagadas. Diante de cada uma delas há um papel coberto de anotações colado ao gavetão. Cada papel tem um cabeçalho; Bradwell deu nomes às caixas: *Alfé*, *Barb*, *Champ*, *Dickens*, *Elderberry*. A ordem é alfabética. *Figman* está no chão, zumbindo junto aos calcanhares de Bradwell. *Freedle* esvoaça da mesa e põe-se a bater as asas em torno

de *Fignan*. Do topo da caixa emerge a lente de uma câmara, montada num pequeno braço. Parece estar a filmar *Freedle* em voo.

— Tinhas de lhes dar nomes?

— É mais fácil falar com elas se tiverem nomes. Cresci sozinho. Sou capaz de meter conversa seja com o que for — diz ele. Aquelas palavras dão a Pressia um vislumbre sobre a infância dele. Aos dez anos, vivia sozinho na cave de um talho e cuidava de si próprio. Era uma vida solitária. Como podia não o ser?

— Mas o que lhes chamo não tem verdadeira importância. Estas cinco são idênticas por dentro, concebidas para resistir a calor, pressão e radiações extremas — prosegue Bradwell. — Têm uma série de fichas. — Pega numa das caixas e mostra a Pressia os pequenos orifícios revelados pelas fichas. — Tirei as fichas com o auxílio de um dos maçaricos do Cap, e depois... — Pega em três fios elétricos e enfia-os simultaneamente nos orifícios, uma operação delicada. — Pronto.

A tampa da caixa negra é puxada para trás com um zumbido e lá dentro encontra-se algo vermelho, oval e feito de um metal pesado.

— O que é isso?

— É onde está guardada a informação. É o cérebro. Responde a ordens simples — diz Bradwell. — Abrir ovo.

O ovo vermelho zumbe. Pequenas escotilhas metálicas deslizam para trás, revelando *chips*, fios, uma vasta rede de ligações que lembram sinapses.

— É o cérebro da caixa. Uma coisa muito bela. — Bradwell levanta o ovo vermelho, fá-lo rodar na mão. — Contém toda uma biblioteca de dados.

— Bibliotecas — diz Pressia, maravilhada. — Eram edifícios que albergavam livros, salas e salas cheias de livros, e tinham pessoas que tratavam dos livros.

— Bibliotecários.

— Ouvei falar nisso. — É um conceito difícil de apreender. — E podia-se levar os livros para casa, desde que se promettesse devolvê-los.

— Exatamente — diz Bradwell. — Eu tive um cartão de biblioteca, em criança. O meu nome datilografado ao lado da minha fotografia. — Parece melancólico por um momento. Pressia tem ciúmes daquela recordação. Construiu uma infância com base nas coisa que o avô lhe contava e agora tem de dismantelar esse mundo, tirá-lo da memória. Desejaria recordar algo tão simples como um cartão de biblioteca com o seu nome e a sua fotografia. Pensa no seu verdadeiro

nome: *Emi*, dois sons que trauteiam por um segundo nos seus lábios. *Brigid*, como uma ponte sobre um grande lago frio. *Imanaka*, o som de paus a bater uns nos outros. Que tipo de pessoa devia ter-se tornado Emi Brigid Imanaka?

Talvez essa versão de si própria — Emi — pudesse apaixonar-se perdidamente por Bradwell. Ela não pode, não quando isso parece ser a garantia de vir a perdê-lo.

Bradwell concentra-se de novo nas caixas.

— Tive de abrir a caixa para ativar o ovo, mas agora ele pode ficar lá dentro e responder a qualquer pergunta que queiras fazer-lhe. — Repõe o ovo na caixa negra. — Fechar. — O ovo sela-se lá dentro e a caixa fecha-se à sua volta.

— Que lhe perguntaste?

— Primeiro, perguntei-lhe o que era.

— E?

Bradwell inclina-se para a caixa:

— O que és?

Uma série de cliques ressoa no centro do dispositivo e um globo ocular mecânico, semelhante a uma câmara, aparece no topo do objeto. Um feixe de luz dispara acima do globo ocular e uma imagem do próprio ovo surge e roda no ar. Uma voz masculina e jovem recita um breve historial dos dispositivos de gravação, incluindo as caixas negras, que geralmente eram pintadas de vermelho ou laranja para facilitar o reconhecimento no local de um acidente.

«Esta caixa pertence a uma série de caixas negras idênticas, um projeto sancionado pelo governo e financiado a nível federal, para registar a história cultural e todos os dados disponíveis no caso de um holocausto, nuclear ou outro.» Indica as medidas específicas do revestimento de alumínio, os dados do isolamento contra altas temperaturas, da caixa de aço inoxidável e da tubagem com nanotecnologia resistente à radiação.

— Ena — exclama Pressia.

— Contêm imagens de arte e filmes, ciência, história, cultura popular — explica Bradwell. — Tudo.

A ideia de *tudo* fá-la sentir-se quase tonta.

— O Antes — diz ela, maravilhada.

— Contêm uma *versão* do Antes. Uma versão digitalizada, depurada. Informação não é necessariamente o mesmo que verdade.

— O meu avô explicou-me como o universo funcionava, com pedras em círculos no chão: o sol, planetas, estrelas. Ele fingia saber as coisas, porque percebia que eu ficava nervosa quando ele não as sabia.

— O que é o universo? — pergunta Bradwell à caixa negra. Outro feixe de luz, mais largo, mostra planetas e luas em órbita à volta do Sol, constelações que pontilham o ar. Pressia estende a mão para uma lua, na expectativa de a tocar, mas os seus dedos passam através dela. *Freedle* também esvoaça através da imagem, depois aterra nas suas patas bifurcadas e fica a olhar para ela, confuso.

— Era isto que o meu avô estava a tentar explicar. O universo.

— Bastante difícil de captar com pedras no chão.

Pressia sente-se perdida. Há tanta coisa que ela não sabe, nem sequer consegue imaginar.

— É espantoso! A quantidade de informação a que podemos ter acesso. Pode realmente modificar a vida das pessoas. Teremos acesso a informações médicas, tecnologia, ciência. Poderemos fazer a diferença a sério.

— É mais do que isso, Pressia.

— Como assim? Como pode ser mais do que *tudo*?

— Estas caixas sabem apenas o que lhes foi ensinado e todas aprenderam a mesma lição. Exceto *Fignan*. Ele é diferente. — Bradwell pega na caixa negra aos seus pés. — Cada caixa dessas tem um número de série na parte inferior. Mas o *Fignan* tem apenas um símbolo de *copyright*. — Vira a caixa e mostra a Pressia um círculo em torno de um C tosco, feito de três linhas.

Pressia passa os dedos sobre o símbolo.

— O que é *copyright*?

— É um símbolo que indica propriedade. Era muito utilizado no Antes, mas geralmente era seguido pela indicação do ano. Este não o é.

Pressia dá um quarto de volta à caixa.

— Também podia ser um *U* dentro de um círculo. — Roda a caixa de novo, desta vez meia volta. — Ou um quadrado inacabado, ou uma mesa.

— Uma caixa negra não é uma mera caixa que, por acaso, é preta. É o nome que se dá a qualquer dispositivo ou processo concebido em termos de entrada e saída, no qual não se consegue ver o que está a ser processado, o que se passa lá dentro. Uma caixa branca, ou caixa de vidro, são coisas nas quais se pode guardar informação e ver o que acontece com essa informação.

— A Cúpula é uma caixa preta — observa Pressia.

— Do nosso ponto de vista, é — replica Bradwell. — Tal como o cérebro humano.

E como tu, pensa ela. *E como eu*. Pergunta-se se dois seres humanos podem alguma vez ser caixas brancas um para o outro.

Ele pousa *Fignan* na mesa:

— *Fignan* é um impostor. Aparenta integrar-se, mas foi feito a pensar num público diferente. Só que não vai entregar simplesmente as informações que contém ao primeiro que lhe apareça. Alguma palavra fê-lo acender e só então falou comigo. — Mete as mãos nos bolsos e baixa a cabeça. — Devo recitar o que estava a dizer? Acerca de ti? Quer dizer, isto somos apenas nós a tentar resolver o mistério. Nada mais do que isso, certo?

— Certo. — Pressia quer adiar o momento de revelação. — Mas primeiro, vejamos: ele iluminou-se e falou contigo. O que te disse?

— Disse *sete*.

— O número sete?

— Repetiu *sete* várias vezes, depois parou e pôs-se a apitar, como se estivesse à espera de uma resposta enquanto ia contando segundos num relógio, e, por fim, parou. Acabou o tempo, como num concurso da televisão.

— Um concurso? — pergunta ela. Sabe que se trata de uma referência ao Antes, mas não consegue identificá-la.

— Sabes, programas de televisão em que as pessoas respondiam a perguntas feitas por um apresentador que tinha um microfone e prémios, tipo conjuntos de malas e motas de água, enquanto o público lhes gritava sugestões e aplaudia freneticamente. Havia um em que davam choques elétricos quando os concorrentes davam respostas erradas. As pessoas adoravam.

— Sim, concursos — diz ela, como se se lembrasse. O que é uma mota de água? — Mas por que nos interessa se esta caixa se abre ou não? Temos tudo o que podemos desejar nas outras cinco!

— *Fignan* guarda segredos — responde Bradwell. — Foi programado para os guardar com cuidado.

Pressia abana a cabeça.

— Isto é sobre descobrir a verdade, o passado, mais aulas de História-Sombra? Não sabes já o suficiente?

— Claro que não sei o suficiente! Quantas vezes tenho de te dizer que temos de compreender inteiramente o passado ou estamos condenados a repeti-lo? E se pudermos compreender Willux, o inimigo, então...

Pressia está furiosa:

— Podemos melhorar a vida das pessoas com o que está nessas caixas, mas tu tens de ir atrás do mistério, do que está escondido? Muito bem. Então fá-lo de novo. Faz com que ele repita essa coisa do concurso de televisão.

Bradwell abana a cabeça e passa as mãos pelos cabelos.

— É aí que bate o ponto. Não me lembro do que disse ao certo. Talvez deva refazer os meus passos verbais. Tens a certeza que não te importas?

— Claro. — Ele estará a espicaçá-la?

— Bem, eu estava a... divagar... a teu respeito. Foi a meio da noite, e estava, bem, a descrever-te... Falei do teu aspeto: os teus olhos escuros, a forma que têm e como, por vezes, parecem líquidos, e falei do brilho do teu cabelo, e da queimadura em torno de um dos teus olhos. Referi a tua mão, a perdida, mas que não desapareceu verdadeiramente, que existe dentro da boneca e que a boneca faz parte de ti tanto como qualquer outra coisa no teu corpo.

As bochechas de Pressia ficam vermelhas. Por que havia ele de falar das suas cicatrizes, da sua deformidade? Se estivesse apaixonado, os seus olhos não apagariam os defeitos dela? Não a veria apenas na sua melhor versão? Vira-lhe as costas e olha para as filas de caixas. As luzes dos objetos piscam vagamente, em pequenas repetições cintilantes.

Bradwell diz:

— Talvez tenha mencionado os teus lábios.

Agora a sala está muito silenciosa.

O rubor no rosto dela alastra para o peito. Pressia aperta o pendente do cisne e torce-o nervosamente.

— Muito bem, então ele disse *sete*. Que nos interessa isso? Vamos concentrar-nos nas caixas boas. Deixa essa manter os seus segredos.

Bradwell aproxima-se dela e envolve-lhe o pulso nos dedos. Olha para o colar. A mão dele é áspera, mas quente.

— Espera — diz ele. — Também referi o colar, como o pendente assenta mesmo na cova entre as tuas clavículas. O pendente do cisne.

A caixa negra acende. Emite um alarme curto, sincopado, e diz: «Sete, sete, sete, sete, sete, sete, sete».

Ambos olham para ela, assustados. Os apitos continuam, enquanto o relógio conta os segundos, depois a caixa fica em silêncio.

— Isto tem a ver com a minha mãe — declara Pressia. A mãe disse-lhe várias coisas que ela não compreendeu. Falava rapidamente, quase numa espécie de estenografia. Pressia não lhe pediu esclarecimentos porque presumiu que haveria tempo mais tarde para ouvir tudo o que precisava de saber. Mas lembra-se de a mãe falar sobre a importância do cisne como símbolo e sobre os Sete. — Os Melhores e Mais Inteligentes — recorda. — Era um programa vasto e importante, que recrutava as crianças mais inteligentes. A partir desse

grupo, formaram outro, um ainda mais de elite, composto por vinte e dois jovens, e, a partir desse, Willux selecionou sete. Isso aconteceu quando tinham a nossa idade. Logo no início.

— Os Sete — diz ele.

— O cisne era o símbolo deles.

Figman arranca de novo.

— Lembra-te, eu contei-te que eles fizeram tatuagens, enquanto ainda estavam juntos e eram jovens e idealistas, uma fila de seis tatuagens pulsantes sobre os seus próprios corações, que era a sétima pulsação. — Três das pulsações tinham parado, mas não a do seu pai. Pressia sabe que devia contentar-se com o facto de ele ter sobrevivido. Não devia desejar tanto vê-lo, mas não consegue evitá-lo. Por vezes, tudo que quer é partir para o procurar. Naquele preciso momento, essa simples ideia multiplica as batidas do seu coração, como as próprias tatuagens pulsantes.

Bradwell, El Capitan, e Partridge agarraram-se à ideia de corações ainda pulsantes. Isso significava que outros sobreviventes, talvez outras civilizações, existiam para lá das Terras Mortas. Mas a que distância? Para Pressia, é pessoal.

Dirige-se de novo para a caixa, inclina-se e fita-a.

— Cisne — diz e a caixa arranca mais uma vez, repetindo a palavra *sete*, sete vezes, depois apita. — Está a pedir-nos uma senha, ou melhor, sete senhas.

— Sabes os nomes deles? — pergunta Bradwell. Ela abana a cabeça.

— Todos, não.

— Cisne — entoa Bradwell. A caixa negra diz *sete* novamente e, quando a termina e o apito sincopado se faz ouvir, Bradwell diz: — Ellery Willux. — Uma luz verde pisca numa fileira de lâmpadas perto do olho da câmara. — Aribelle Cording. — Acende-se outra luz verde.

— Hideki Imanaka — diz Pressia e a caixa aceita esse nome também. Pressia disse o nome do pai em voz alta tão poucas vezes que aquela pequena luz verde lhe parece uma confirmação. Ele realmente existe. É o seu pai. A jovem é invadida por um sentimento de esperança que não conhecia há muito tempo.

— E os outros? — pergunta Bradwell. Ela abana a cabeça.

— Caruso teria ajudado. Ele saberia.

Caruso vivia no *bunker* com a mãe dela. Quando Bradwell e El Capitan haviam regressado, após o incêndio da quinta, pensavam convencê-lo a acompanhá-los. Mas ele tinha-se matado. Bradwell nunca dissera a Pressia como ele o fizera e ela não perguntara.

— Gostava que ele soubesse quanto podia ter-nos ajudado. Se soubesse, talvez não tivesse...

— Caruso era um deles? — indaga Bradwell.

— Não.

— Tenta lembrar-te — insiste ele.

— Não me lembro! — Pressia franze a testa. — Nem sequer sei se ela disse todos os nomes. — A sua mente está em branco, tirando a imagem da morte da sua mãe: o crânio dela, a névoa de sangue.

— Se conseguirmos essas senhas, quem sabe a que conseguiremos ter acesso.

— Não! — Agora ela está zangada. — Temos de nos concentrar no que podemos fazer aqui, agora, hoje, por estas pessoas. Estão a sofrer. Precisam de ajuda. Se nos deixarmos arrastar para o passado, estaremos a virar as costas aos sobreviventes.

— O passado? — Bradwell está furioso. — O passado não é apenas o passado. É a verdade! A Cúpula tem de ser responsabilizada pelo que fez ao mundo. A verdade tem de ser conhecida.

— Porquê? Por que temos que continuar a lutar contra a Cúpula? — Pressia desistiu da verdade. — Que importância pode ter a verdade, quando há tanto sofrimento e perda?

— Pressia — diz Bradwell, numa voz mais suave —, os meus pais morreram a tentar descobrir a verdade!

— A minha mãe também morreu. E eu tenho de deixá-la ir. — Aproxima-se de Bradwell. — Deixa ir os teus pais.

Ele percorre as filas de gavetões e para diante do último.

— Devias ver o rapaz morto.

— Não, Bradwell ...

Ele agarra uma maçaneta que lhe fica à altura do peito.

— Quero que o vejas.

Ela respira fundo. Ele puxa a maçaneta e a laje desliza para fora. Pressia coloca-se ao seu lado.

O rapaz tem cerca de 15 anos, o peito nu, a metade inferior do corpo envolta num lençol. A sua pele assumiu a cor de um hematoma escuro, os lábios estão roxos, como se tivesse comido amoras. Tem as mãos apertadas em volta do pescoço, como garras retorcidas, e um pé espreita sob o lençol. Tem cabelo curto e escuro. O mais impressionante é que, embutida no seu peito nu, há uma barra cromada, que se estende de um lado ao outro das suas costelas. Era criança aquando das Detonações, uma criança montada num triciclo. O guiador está manchado de ferrugem. Curva-se em

torno do seu tronco como um par de costelas adicionais. A pele ligada ao metal é fina, quase como rede.

Pressia fecha os olhos. Aperta os braços à volta das próprias costelas.

— O que lhe aconteceu?

— Ninguém sabe. — Bradwell puxa a parte de baixo do lençol para cima quando Pressia abre os olhos. O rapaz tem apenas uma perna. A outra desapareceu recentemente. A rutura é tão irregular, com osso à vista, que Pressia arqueja.

— A perna explodiu — diz Bradwell —, e ele esvaiu-se em sangue.

Dirige-se para uma bancada perto do lavatório, pega numa pequena caixa de cartão e trá-la a Pressia. Esta só consegue imaginar um coração humano, ainda a bater.

Ele levanta a tampa. A caixa está cheia de pedaços de metal e plástico. Uma peça tem uma junta metálica que liga dois pequenos pedaços de metal partidos, cada um com cerca de um centímetro de comprimento. Bradwell explica:

— Isto foi encontrado perto do corpo. Alguns fragmentos ainda estavam embebidos no que restava da carne da perna.

— O que era?

— Não sei. — Ele fecha a tampa da caixa e olha para o rapaz morto. — Foi a Cúpula que fez isto. Não vai afastar-se. As Forças Especiais estão cada vez mais agressivas, mais famintas. Não estou a virar as costas a *ninguém*, Pressia. Temos de encontrar uma maneira de resistir.